



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ARTES DE ENVELHECER: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NA UAMA (UNIVERSIDADE ABERTA À MATURIDADE), IDENTIDADES, MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E PRÁTICA PEDAGÓGICA.

Janaína Leandro Ferreira.

UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) e-mail: inaleandroferreira@hotmail.com

Resumo

Neste artigo pretendemos relatar as experiências pedagógicas adquiridas na UAMA (Universidade Aberta à Maturidade) na UEPB, como estagiária da disciplina História, Memória e Atualidades. O objetivo é problematizar algumas questões acerca dos modos de envelhecer na cidade de Campina Grande. Pensar como são representadas as identidades articuladas às memórias dessas pessoas com mais de 60 anos de idade, ou seja, a partir de suas experiências dentro do ambiente universitário e das atividades propostas nas aulas. Relatar o compartilhamento de ideias e diálogos nos debates propostos e perceber como esses homens e mulheres constroem e articulam do ponto de vista da história relações entre o presente e o passado, quando compartilham suas memórias, sejam elas individuais ou coletivas. A justificativa para este trabalho se insere no sentido de trazer à discussão a possibilidade de pensar a prática pedagógica a partir de outras perspectivas, de outro público, pessoas com mais de 60 anos, dentro de uma sala de aula heterogênea, no sentido da formação, com o objetivo de pensá-los como sujeitos que através da educação, assegurados pelos artigos 20 a 25 do Estatuto do Idoso (lei nº 10741/2003), conseguem burlar a invisibilidade social imposta pela sociedade capitalista através da educação e na busca de um envelhecimento ativo e da reinserção social.

Palavras- chave: memória, história, prática pedagógica.

INTRODUÇÃO.

A UAMA foi criada através da CIEFAM (Comissão Institucional Especial para Formação Aberta à Maturidade) através da resolução da UEPB/ CONSUNI/021/2012 que tem como propósito agregar a UAMA e todos os demais programas voltados, exclusivamente, para idosos na Universidade Federal da Paraíba (UEPB). Assim, a Universidade Aberta à Maturidade (UAMA) tem como meta atender uma demanda que emerge na contemporaneidade, que é o atendimento a pessoa idosa. Nesse caso, buscando contribuir no acolhimento a esse público, pessoas a partir de 60 anos de idade,



através da formação educativa para melhorias das capacidades: pessoais, funcionais e socioculturais e do convívio em grupo e inserção e reinserção desses idosos como sujeitos socialmente ativos.

O principal objetivo do projeto que possibilitou a criação do curso de formação para maturidade é aprofundar os conhecimentos desses idosos no que diz respeito à saúde, cultura, temas relacionados ao envelhecimento e a qualidade de vida. Com carga horária de 1.400 horas, que equivale a dois anos de curso, e componente curricular composto com disciplinas obrigatórias e optativas - um total de 24 - distribuídas a partir de quatro eixos temáticos, sendo eles: Saúde e Qualidade de vida; Educação e Sociedade; Cultura e Cidadania; Arte e Lazer.

Dentro do eixo temático Cultura e Cidadania à disciplina que possibilitou nossa experiência pedagógica, “História e Conhecimentos Gerais da Atualidade”, ministrada pela profa. Rozeane Albuquerque Lima, vinculada ao departamento de História da UEPB. Por sua vez a disciplina, História e Conhecimentos Gerais da Atualidade, foi repensada pela profa. Rozeane Lima no sentido de responder a uma demanda das turmas no sentido de trazer as discussões e contribuições dos alunos, já que a proposta seria pensar as aulas baseadas, sobretudo, no que nos propõe os caminhos e concepções de aulas contextualizadas e que considerassem as experiências plurais dos vários sujeitos (alunos) UAMA ali presentes. Assim, recorreu-se como estratégia didática e pedagógica para se trabalhar as aulas de história tratar e discutir com os alunos o conceito de *memória* em seus aspectos coletivos ou individuais, também, levando os alunos a refletir sobre o lugar de cada um deles como sujeitos históricos. Desta forma, a disciplina foi repensada como: História, Memória e Atualidades.

METODOLOGIA.

Para embasarmos teórico-metodologicamente nosso caminho de escrita teremos como instrumentos de trabalho alguns teóricos que nos ajudarão a pensar como é possível perceber as questões das identidades na contemporaneidade, a partir



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

principalmente, da perspectiva proposta por Hall (2011) de se pensar os sujeitos não mais como detentores de identidades unificadas e estáveis, mas, sobretudo, como indivíduos que são compostos, a partir de identidades distintas, múltiplas, contraditórias e mais ou menos fluídas.

O historiador Reinhart Koselleck (2006) nos ajudará no sentido de pensar como os alunos da UAMA se percebem nas temporalidades passado-presente, nas atividades desenvolvidas em sala de aula e nos seus relatos de memória, como se identificam no presente a partir de suas sensibilidades e como reconstróem o passado a partir do presente, concebendo uma maneira particular e individual de relação entre essas temporalidades. Dialogaremos também com Freire (1996) a fim de refletir acerca de uma educação elaborada a partir dos princípios de autonomia e cidadania.

A abordagem metodológica utilizada será a leitura, problematização e análise de alguns trabalhos produzidos pelos alunos em sala de aula como atividades propostas para contribuição com as temáticas abordadas, ao que pese o primeiro eixo da disciplina, que tratou das questões envolvendo o conceito de memória e seus desdobramentos. Nos relatos dos alunos de forma oral e escrita, pensaremos como os mesmos relacionam a memória individual com a memória coletiva e como articulam o presente e o passado nesses relatos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO.

1-Relatos de memórias e identidades: Eu sou do tempo que...

Inicialmente, faz-se necessário uma pequena descrição de como se deu nosso encontro com a UAMA, e conseqüentemente, com os alunos UAMA. O contato com a professora da disciplina Memória, História e Atualidades, Rozeane Albuquerque de Lima, foi especialmente importante. Esta, colaboradora e companheira de trabalho em outras experiências acadêmicas¹ desenvolvidas por mim ainda na UFCG como bolsista do PET-História UFCG nos projetos de pesquisa, ensino e extensão do PET (Programa

¹ Por meio da experiência de trabalho dentro do grupo PET-História da UFCG foi possível manter uma relação não apenas de trabalho e de contato entre pares, mas de compartilhamento de experiências acadêmicas e fraternais.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de Educação Tutorial) daquela instituição, possibilitou o convite feito pela mesma para participar de um estágio em suas turmas da UAMA para o desenvolvimento de uma pesquisa sobre a história institucional da Universidade Aberta à Maturidade, que repercutirá na publicação de um livro. De início não sabia o que encontraria de fato naquele espaço, pois, o pouco conhecimento que tinha sobre a existência do curso da UAMA estava baseado em uma ou duas matérias jornalísticas que acompanhei em emissoras de TV, nos jornais locais. O convite se fez tentador tanto pela oportunidade de enriquecimento curricular, tanto quanto, pela perspectiva de trabalhar com idosos² em sala de aula.

No dia 1º de abril me deparei com uma turma com cerca de 50 alunos, que se mantêm assíduos em todas as aulas, em um ambiente especialmente acolhedor, motivador, fraterno e de compartilhamento de experiências e vivências. Naquela ocasião a proposta era discutir o conceito de memória, primeiro momento da disciplina, “História, Memória e Atualidades” a partir de objetos antigos. Cada aluno, responsável por trazer algum objeto que trouxesse consigo reminiscências, memórias pessoais, ou seja, algo que aguçasse sua sensibilidade em relação ao passado: fotografias, objetos pessoais, vestimentas. Oralmente, cada aluno ficou responsável por apresentar cada objeto e relatar suas lembranças desse, articulando o objeto escolhido com suas memórias pessoais sobre o mesmo.

Posteriormente, ainda tratando do conceito de memória, foi proposto que os alunos, de forma escrita, após a discussão em sala e o compartilhamento de experiências

² Compartilhamos com a ideia de Cavalcante (2013) quando faz alguns apontamentos em sua tese “Do velho instituído pelo discurso da caridade e da higiene ao idoso saudável inventado pelos saberes gerontogerátricos” quando problematiza o termo idoso. A autora chama a atenção para o fato de que noções como “velho” e “idoso” são conceitos construídos historicamente, portanto, dentro de sua discursividade, tais termos, anunciam posições para o sujeito que se nomeia ou que é nomeado. O termo “velho”, por exemplo, de acordo com a autora, é segregador, impõe uma diferenciação excludente para o sujeito. Já o termo “idoso”, foi agenciado a partir de determinado período histórico, mais particularmente pós década de 70, quando emerge um saber médico-científico (a gerontologia) que determina uma série de condições e cuidados para esse sujeito, o ser idoso. Desta forma, nos utilizaremos deste último termo para denominar esses sujeitos com faixa etária superior a 60 anos quando necessário. Para saber mais indicamos a leitura de: Para saber mais: CAVALCANTE, Silêde Leila Oliveira. **Do velho instituído pelo discurso da caridade e da higiene ao idoso saudável inventado pelos saberes gerontogerátricos.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História e Filosofia da UFPE, 2013.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

acerca da memória, articularassem toda uma problematização já iniciada sobre os conceitos de memória e história e escrevessem completando a frase: “Eu sou do tempo que...”. O objetivo inicial era fazer com que percebessem que “as memórias de um indivíduo nunca são só suas uma vez que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade.” (CASA DEI, 2010, p. 154). Desta forma, a partir das análises das experiências pessoais foi possível pensar como os grupos tomam uma memória como particular, individual, mas essa em contrapartida é ao mesmo tempo compartilhada por esse mesmo grupo em determinados aspectos, mantendo, no entanto, sua parcela individual de experiências fruto dos diferentes grupos aos quais esses sujeitos foram se inserindo ao longo da vida, assim, as tornando diferenciadas, particulares e experimentadas de maneiras diversas.

Algo que observamos nos relatos apresentados de forma escrita foi à articulação das memórias pessoais de cada aluno (dentro de suas particularidades e vivências também particulares) uma presença recorrente nos escritos de uma espécie “nostalgia pelos valores morais de outros tempos”. Quando em princípio, se pensou a atividade o propósito era que fossem contempladas mais as memórias materiais, mas, de forma persistente observamos como as reminiscências de outros tempos se encontravam cheias de melancólicas memórias de outras épocas, do “no meu tempo as coisas não eram assim”. Vamos à análise de um dos relatos escritos:

Eu sou do tempo em que? As crianças brincavam de roda, de toca, de esconde – esconde. Minha família era de 11 irmãos. Nos obedecíamos a pai e mãe, tomávamos a benção. Tínhamos respeito pelos mais velhos. A escola para nós era a continuação do nosso lar. Respeitávamos as professoras, as auxiliares que tomavam conta dos alunos na hora do recreio. Quando tinha duas pessoas conversando não era pra criança ficar escutando a conversa. Eu sou do tempo que quando meus pais não queriam o casamento, as moças fugiam para casar. Eu sou do tempo que mulher não usava calça comprida e não cortava o cabelo muito curto. Eu sou do tempo que, acompanhei os estudos dos meus filhos. Eles tomavam a benção de manhã e à noite antes de dormir. Todo domingo ia para missa com eles. No carnaval, tinha o curso na Rua Maciel Pinheiro, eu ia com meus filhos. Ia para o desfile do dia 7 de setembro com meus filhos. Meus filhos levavam os amigos para nossa granja, eles sabiam que eu e Farias acolhíamos a todos. No São João, no fim do ano ou em outras ocasiões. (aluna(A) turma B, 1º de abril de 2015).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Como podemos observar no relato há uma representação da “sua época”, do “seu tempo”. Naquele tempo em que as brincadeiras eram mais “valorosas”, “mais sadias”, muito provavelmente as da sua infância em particular, ou mesmo, as da infância de seus filhos. O respeito aos mais velhos era algo comum, e este é representando como a base fundamental das relações familiares e extrafamiliares, como relata a mesma “a escola era uma extensão do lar”. Embora não é nosso objetivo aqui fazer juízo de valor nem atribuir qualidade as diferentes temporalidades, até porque quase sempre olhamos para o passado como uma época onde tudo era melhor, mas problematizar essa representação. Barros (2010) em uma leitura que faz das concepções de tempo em Koselleck e Hannah Arendt chama à atenção para que o “Passado presente” pode ser mais bem entendido se os pensarmos como uma possibilidade de representação de um conjunto de coisas. A experiência, nesse caso, a *experiência* como pertencente a um passado se concretiza no presente através da memória, dos vestígios e das permanências e das mudanças:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, que não precisam estar mais presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é preservada uma experiência alheia. Neste sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimentos de experiências alheias (KOSELLECK, 2006, p. 309-310 apud. BARROS, 2010, p. 68)

A experiência do passado representada no relato da aluna UAMA, ressignifica uma forma de perceber o passado através do presente e a própria experiência em sala de aula e as relações professor-aluno no presente, “respeitávamos as professoras, os auxiliares que tomavam conta dos alunos”, ou seja, ao relatar o passado a sua experiência pessoal naqueles tempos com a escola se apresenta em uma relação com um problema do presente, mais precisamente com as problemáticas que envolvem o espaço escolar na atualidade. O professor em muitos casos não é mais visto com o zelo e o respeito como em outras épocas, a escola não é mais tida um espaço que deve ser respeitado “rigidamente” como em outros tempos onde a palmatoria ditada às normas



em sala de aula. Esse relato nos apresenta, pois, uma representação do passado e de uma série de normas vigentes por parte de quem narra o passado.

Já que cada presente reconstrói o passado a partir de problemas emergentes na atualidade, cada presente concebe uma maneira de relacionar o presente, o passado e o futuro. Nas linhas descritas pela aluna UAMA, percebemos como a mesma significa problemas do presente e olha para o passado para representar sua época a partir de outros costumes, de outras práticas e normas morais “tínhamos respeito pelos mais velhos”. O passado como a temporalidade dos melhores atributos, de uma “tradição” de integridade, honradez, do tempo que...

Nossos avós eram tidos como verdadeiros símbolos de integridade, lealdade, honradez, sabedoria e outros atributos. Todos os netos tinham consideração e respeito, obedecendo cegamente o que lhes era “ordenado” por eles. Minha avó materna, além de bondosa ao extremo, era o símbolo da mulher destemida. Analfabeta, mas de um conhecimento invejável sobre como criar e educar uma família, enviuvou e ficaram sob sua dependência, 14 filhos, e sem poder aquisitivo algum, terminou de educar todos dentro do mais rígido padrão de honestidade, lealdade e honradez. (aluna (B) UAMA, turma B, 1º de abril de 2015)

O passado descrito é aquele visto sob os olhos da nostalgia, mas observa-se como o presente se apresenta no discurso dessa outra aluna, no trecho acima. O seu lugar de fala, como aluna UAMA, reclama “consideração e respeito” para com os mais velhos, algo que no relato destacado, teria se perdido no passado. É digno de nota, que a UAMA enquanto curso que tem como proposta aprofundar os conhecimentos desses idosos em relação não apenas a saúde e a qualidade de vida, mas também a construção de debates que atentem para a conscientização dos direitos e o respeito para com a pessoa idosa, a partir da prática cidadã. O que repercute nas falas e no posicionamento dos mesmos em sociedade, assim, são sujeitos frutificadores dos direitos, assegurados por lei, mais precisamente, pelo Estatuto do Idoso, tanto no que diz respeito a garantia e o aperfeiçoamento da dignidade não apenas em seus aspectos físicos, mas, sobretudo, moral, intelectual e social.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Compartilhamos com as ideias de Freire (1996) quando destaca que “ensinar inexistente sem aprender e vice-versa (FREIRE, 1996, p.12)”, na UAMA mais se aprende do que se ensina, se a premissa de que quem ensina, aprende a ensinar, percebemos que nas turmas da Universidade Aberta à Maturidade o caminho do compartilhamento de vivências e aprendizados são dos mais diversos³. Ainda dialogando com Freire (1996) partilhamos da ideia que o aprendizado em muitos casos precede o ensinar, mesmo assim um não tira a validade do outro. No que diz respeito ao processo pedagógico o espaço da UAMA, enquanto lugar de compartilhamento de experiências e conhecimento se faz a partir das experiências concretas desses sujeitos. Dar voz a esses homens e mulheres e a suas experiências de vida cotidiana é fundamental, parafraseando Certeau (2009) é admiti-los como “oráculo que se confunde com o rumor da história, e que dá como representação o próprio texto, e reconhece ainda por cima o caráter universal do lugar particular onde permanece o outro discurso de uma sabedoria sábia” (CERTEAU, 2009).

Voltando a análise dos relatos “eu sou do tempo que...” percebemos como foi satisfatória a experiência de trabalhar articulando o conceito de memória e história e o compartilhamento das vivências passadas articuladas as sensibilidades desses sujeitos, para a construção do conhecimento das experiências do passado de cada um, de forma individual, que acabou estabelecendo um diálogo coletivo na construção das memórias que compartilhavam. Exemplo disso é a descrição da aluna (C):

Eu sou do tempo que usava combinação, anágua, vestido de bolinhas, do iê-iê, calça boca de sino, das tertúlias do campinense clube, clube dos caçadores, do Gresse. De namorar sendo vigiada, só saía com o namorado se tivesse uma pessoa para ir junto, pois chamava que ia servir de vela. Dos assustados nos fins de semana nas casas dos amigos, era uma maravilha. Dançávamos ao som da radiola com vinil, era um tempo muito bom, não havia violência. Tenho muita saudade desse tempo. Dos comícios juntava amigas e amigos e passávamos a noite flertando, que hoje chama-se paquerar, chupava roletes que é feito de cana de açúcar, era uma coisa muito sadia, havia respeito, união, amizades. Usava corpetes e cinta de botão para ficar esbelta sem barriga. Fui do tempo da palmatoria, as crianças não podiam ouvir conversas. (aluna (C) UAMA, turma B, 1º de abril de 2015).

³ As turmas são formadas por profissionais das mais variadas áreas e escolaridades. Desde ex-professores universitários até pessoas que nunca conseguiram um diploma de graduação e tiveram a oportunidade de vivenciar a experiência de um curso universitário a partir da Universidade Aberta à Maturidade.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Podemos perceber no relato da aluna (C) e de boa parte das descrições feitas pelos alunos na atividade proposta que narram uma época específica de suas vidas, a juventude. Muito provavelmente as décadas de 60 e 70 na cidade de Campina Grande. Parte dos jovens daquele período, nossos idosos hoje, vivia um momento em que a música popular brasileira ganhou espaço ocupando um lugar de destaque na história nacional e também no cotidiano dos jovens brasileiros. Como bem afirma o historiador Napolitano (2010) à música “no Brasil, antes mesmo de a MPB surgir nos anos 1960, a canção já tinha consolidado seu lugar no mercado de bens culturais e na vida cultural cotidiana dos brasileiros” (NAPOLITANO, p.391, 2010) além dos aspectos sociais e políticos trazidos nas letras de muitas das chamadas “músicas de protesto” é um momento em que boa parte da população tem acesso a todo um novo panorama social e cultural que emergia. ⁴ E essas memórias são recorrentemente descritas. Talvez não aquelas que narram o período de tensão e coesão em que o Brasil passava na Ditadura Militar, neste caso, mas toda uma memória coletiva de uma época, onde evocam todo um arsenal de lembranças cotidianas de uma juventude onde “dançavam ao som da radiola e do vinil”, “dos vestidos de bolinha”, e do “iê-iê”.

Do tempo que... O ritmo da vida era outro, passava lento, o tempo era vivido de forma mais compassada “em que podíamos parar na calçada, olhar as crianças brincando, enquanto conversávamos com os vizinhos. Nesse tempo conhecíamos nossos vizinhos” (aluna (D), turma A, 8 de abril de 2015.)

Partilhamos, pois, do que problematiza Casadei (2010) quando afirma que há todo um suporte social que se confronta para compor as nossas memórias que se articulam constantemente com as memórias dos outros, desta forma é que se faz possível toda a recordação e partilha das experiências de uma memória coletiva. Para cada indivíduo a constituição da memória se dá a partir de uma combinação da memória de diferentes grupos, vividos de maneiras distintas e aleatórias, mas também partilhadas já que os indivíduos se utilizando de convenções sociais acabam recordando e muitas vezes representando esse passado de maneira distinta, em grupos sociais,

⁴ Para mais esclarecimentos: NAPOLITANO, Marcos. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982). *Estudos Avançados*. V.24. N.69, 2010.



instrumentalizando as palavras, as ideias, que não inventaram, mas também tomam do seu ambiente social.

Neste sentido, quando propomos pensar a prática pedagógica na UAMA a partir das experiências com as aulas de história e memória abrimos a possibilidade de fazer com que os alunos UAMA pudessem se inserir nas aulas enquanto sujeitos autônomos se percebendo como sujeitos históricos, na perspectiva de tornar possível que retomasse recordações de suas vidas particulares, mas no intuito fazer com que compartilhassem também a partir de suas memórias de suas infâncias e suas juventudes se percebendo enquanto possíveis construtores de uma representação do passado partilhado enquanto experiência vivida.

CONCLUSÕES.

Assim, concluímos que seja indispensável estabelecer uma proposta pedagógica democrática e motivadora e contextualizada quando se propõe trabalhar com idosos e, usar esses artifícios como ferramenta de reinserção social para que esses sujeitos consigam burlar a invisibilidade social que lhes é imposta pela sociedade. A reflexão é válida... A educação não pode se constituir enquanto forma imbatível e isolada no sentido da transformação social, mas como instrumento de luta e principalmente como força que torna possível a construção de saberes múltiplos para o desenvolvimento da crítica social. Para isso, o educador, deve estar atento à tarefa político- pedagógica e do seu papel em sala de aula, como afirma Freire (1996):

A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto da vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa de ser autenticamente vivido. (FREIRE, 1996, p. 70)

Como intermediador, o professor tem o dever de despertar seus alunos para as questões e problemas sociais, de fazê-los se sentirem sujeitos possibilitadores de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

mudanças na sociedade a partir do despertar para o comprometimento democrático e cidadão de cada um. E para isso se faz necessário respeitar a autonomia do aluno em sala de aula, seja ele criança, jovem, adulto, ou idoso. Ainda mais quando se trata da prática de uma educação contextualizada respeitando a identidade e a história particular de cada aluno. O respeito à experiência do saber construído ao longo de uma vida foi primordial, no caso da UAMA, englobando os aspectos sociais vividos pelos alunos particular e coletivamente. Desta forma, tentou-se respeitar a inquietude de conhecer, e, sobretudo, de compartilhar saber a partir de cada sujeito ali presente em suas anciãs de serem ouvidos e partilhar de suas memórias.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL, **Estatuto do Idoso**: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 e legislação correlata. 4. Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições da Câmara, 2009.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CAVALCANTE, Silêde Leila Oliveira. **Do velho instituído pelo discurso da caridade e da higiene ao idoso saudável inventado pelos saberes gerontogeriátricos**. Tese de Doutorado.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. Coletivo Sabotagem Digital, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

CASADEI, Eliza Bachega. Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. **Revista Espaço Acadêmico**. Nº 108. Maio de 2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**, 2006. In: BARROS, José D'Assunção Barros. Rupturas entre o presente e o passado: leituras sobre as concepções de tempo de Koselleck e Hannah Arendt. **Revista Páginas de Filosofia**. v.2, n.2, p. 65-88, jul/dez. 2010.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982). **Estudos Avançados**. V.24. N.69, 2010.